

Crítica // Sem chão ★★★★★

Atrocidades da guerra

Ricardo Daehn

Coprodução entre a Noruega e o Território Ocupado da Palestina, *Sem chão* traz o perfeito e ambíguo título, que massacra o espectador com uma convulsiva tensão afunilada pelo ângulo pessoal para as atrocidades cometidas em Masafer Yatta, num insano cotidiano de ocupação pelo Exército israelense na região ao sul da Cisjordânia.

Filmado até outubro de 2023, época de acirramento completo do conflito (dada a onda de ataques do Hamas), o filme, vencedor do Oscar

de melhor documentário em 2025, se apoia na inesperada cumplicidade entre o palestino Basel Adra e o jornalista israelense Yuval Abraham, infiltrado num coletivo cinematográfico integrado ainda por Rachel Szor e Hamdan Ballal.

Remoções, tiros à queima roupa, prisões e uma juventude exaurida servem de legado para os desmandos numa terra varrida por poderios tecnológico e militar e que tenta desvincular palestinos de suas terras. Sob a finalidade de limitar a “expansão de aldeias árabes”, um cerco (institucionalizado pela

SYNAPSE



Sem chão:
Oscar de
melhor
documentário
em 2025

justiça) instaurou zonas de treinamento militar no terreno de pólvora.

Entre violento convívio com colonos israelenses (sob a convivência militar), o filho de ativista Basel tenta equilibrar responsabilidades adquiridas numa família fraturada e balizada pela falta de

perspectivas do personagem (codiretor do filme) que dispara: “Não temos estabilidade”. Entre sessões de montar e desmontar casas e arbitrariedades, Basel deixa pistas das derrotas acumuladas como “mão de obra barata”, mesmo que diplomado em direito.

Inquietações pulsantes,

desmandos, registros violentos e desespero por mais visibilidade em postagens de denúncia atravessam a tela. Entre tanto descontrole, dilaceram os destino do imobilizado cidadão Harun e o rastro de desconstrução relegado a aldeias, a todo momento, esfaceladas.

Crítica // Loucos por cinema! ★★★★★

Enfermidade louvada

Uma viagem afetiva com a consistência de um *Cinema Paradiso* (de Giuseppe Tornatore), mas com a consistência de Laurent Tirard, um dos grandes estudiosos da sétima arte contemporânea. É nessa sintonia que embarca o diretor francês Arnaud Desplechin, de fitas marcantes como *Reis e rainhas* (2004) e *Um conto de Natal*

(2008). Ao lado de Fanny Burdino, Desplechin confeccionou o roteiro que brinda o potencial dos espectadores ao mesmo tempo em que propõe viagens em torno de impressões de cinema, a partir da visão de seu recorrente personagem Paul Dédalos.

Para responder à pergunta “Qual o impacto da realidade de uma tela de cinema?”, o

Filmes do Estação



Loucos por cinema!
apresentado em Cannes

autor vai atrás de significativos momentos que azeitaram sua cinefilia. Nisso, recorre ao frescor de presenciar *Os incompreendidos* (1959), na telona, e, celebra ainda, com conhecimento particular de

antigo diretor de fotografia, o drible a censura na primeira incursão como espectador de Ingmar Bergman e seu *Gritos e sussurros* (1973).

A avalanche de referências ainda atenderá às percepções

das montagens de clássicos como *Meu ódio* será sua herança (Sam Peckinpah) e ao Hitchcock de 1959, *Intriga internacional*. A pausa maior cerca os termos da admiração pela monumental obra de Claude Lanzmann (morto em 2018) em torno do Holocausto, *Shoa* (realizado em 1985). Uma aula de cinema tão intensa que quase acopla cheiro e gosto às imagens usadas. (RD)

PRÉ-VENDA
DISPONÍVEL

GARANTA SEU INGRESSO! CINESYSTEM
CINEMA ALEM DO FILME

©2025 Disney

